

S. BRAGA-B-995
Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Ferreira Caldas

off.^o e agradece

Editor



D. FR. CAETANO BRANDÃO

HOMENAGEM AO GRANDE ARCEBISPO DE BRAGA

Por ocasião do centenario da distribuição
de premios aos concorrentes que mais se distinguiram
no certamen industrial-agricola por elle promovido

NUMERO UNICO

25 DE MARÇO DE 1893

O producto liquido da venda d'este jornal
foi pelo editor offerecido à OFFICINA DE S. JOSÉ d'esta cidade

BRAGA
Livraria Central
Laurindo Costa — Editor



D. FR. CAETANO BRANDÃO

HOMENAGEM AO GRANDE ARCEBISPO DE BRAGA

Por occasião do centenario da distribuição de premios
aos concorrentes que mais se distinguiram no certamen industrial-agricola
por elle promovido

CORONA aurea super mitram ejus expressa signo sancti-
tatis et gloria honoris.

Ecclesiast. cap. XLV v. 14.

Non recedet memoria ejus, et nomen ejus requiretur
a generatione in generationem.

Ecclesiast. cap. XXXIX v. 13.

Braga

Antonio, Arcebispo Primaz

RECORDAR os meritos d'aquelles que se tornaram
illustres pelos feitos que praticaram e com que souberam
dar lustre e gloria á Religião e á Patria é praticar um acto
em perfeita conformidade com a justiça.

Pratica hoje essa justiça a nobre cidade de Braga, re-
cordando jubilosa os meritos de D. Fr. Caetano Brandão,
por occasião do centenario da exposição por elle promo-
vida, honrando assim a memoria d'um de seus arcebis-
pos mais benemeritos e illustrados.

E assim devia ser. Pois seria menos bem cabido o
esquecimento das virtudes excelsas e do zelo provado e
infatigavel do Prelado benemerito, hoje motivo de tam jubi-
losa recordação.

Era uma divida paga hoje por uma cidade illustre
e de tradições venerandas, que não soube esquecer o que
a gratidão podia.

Vizeu, Março de 1893

+ José, Bispo de Vizeu

O Livro Biographico de D. Frei Caetano Brandão

NA occasião, em que n'esta cidade se relembra, passa-
dos cem annos, um dos factos, que nobilitam a vida apos-
tolica do Grande Arcebispo, cumpria, se possivel fosse, co-
piar n'este lugar tudo quanto, da sua bocca e da sua penna,

foi colligido nos dois volumes dedicados á santa memoria
do energico, talentoso e profundamente evangelico prelado
bracarense.

Devia n'esta occasião andar nas mãos de todos esse
livro, commovente pelos factos que relata, e precioso pe-
los ensinamentos que offerece.

Nos escriptos do biographado, que o auctor compitou,
encontra-se retratada, não só a poderosa intuição d'aquella
intelligencia privilegiada, mas sobretudo os primores d'aquel-
le coração d'ouro, todo elle impregnado da graça sobrena-
tural, do espirito da caridade verdadeira, na diamantina
pureza, que lhe transmittiu o divino Fundador da Egreja.

Encontra-se retratada tambem a epocha, em que viveu
o Arcebispo; e o estudo dos males d'então explica ao leitor
despreoccupado o abismo de miserias, á que chegamos hoje.

Illudem-se muitos, suppondo que a aureola de louvo-
res, que circumda a memoria de D. Frei Caetano Brandão,
poupou este apostolo dos tempos modernos ao martyrio,
incrumento sim, mas pungentissimo, que o torturou du-
rante a vida.

No livro citado ha copiosos trechos illucidativos, em
que o Arcebispo desafoga a sua enorme dôr, e como Christo
pede que lhe affastem o calix.

Logo que foi confirmado, a fama de santo, que trazia
do Pará, produziu em Braga manifesto regosijo no povo
sincero e bom, e todas as classes á porfia organisaram uma
recepção notavel pelos festejos e pelo cordeal enthusiasmo.

Passado porem o primeiro mez, ou antes ainda, comen-
çaram logo a surgir descontentamentos mal soffridos.

Como o Arcebispo, na sua humildade de franciscano,
contrastasse com a opulencia do seu antecessor, deixava sem
deferimento os empenhos dos aspirantes a servidores de to-
do o genero. Expurgava a lista dos esmolados pela mitra,
substituindo por verdadeiros necessitados os que recebiam
sem precisão. Cortava os abusos do Seminario e, com isto
tudo, mortificava muitos interesses illegitimos.

Ja n'aquelle tempo, não era com taes processos que se
adquiria popularidade.

As cartas anonymas, que ainda antes, em Lisboa recebia
d'aqui, ás duzia, continuavam diariamente, injuriosas e
ameaçadoras, e em tal copia, que só podia comparar-se á
avalanche dos requerimentos e pedidos de toda a especie
para despacho de pretendentes.



Em carta a um personagem, seu amigo, escrevia o Arcebispo, a proposito dos festejos da entrada:

«Diz V. Exc.^a muito bem, que a alegria de Braga n'estes principios é assás equívoca. . . . e acrescentava: — Triste condição de quem governa que, para fazer os homens felizes, precisa desgostal-os muitas vezes! Desgostem-se porém embora: está primeiro Deus e a consciencia.»

A guerra, que o Arcebispo logo foi declarando á escandalosa simonia das chamadas renuncias, a reforma, que iniciou, d'alguns conventos de religiosas, a difficuldade, que oppunha ao ingresso de noviças sem vocação, a regularisação da disciplina e estudos ecclesiasticos, a denegação de demissórias, o afastamento dos ordinandos, que não mereciam pertencer ao sacerdocio, as desavenças com o cabido e as luctas constantes com o governo de Lisboa, regalista e inepto (que alias era o da piedosa senhora D. Maria I.^a), tudo isto levantava clamores de indignação instigada pelos magnates e influentes da diocese, habituados á pingadeira da —telha-de-egreja— e aos abusos inveterados da compadricaria, essa molestia chronica do nosso paiz, que o tem levado ás bordas da sepultura.

Os *criticões*, como lhe chamava o Arcebispo, desabafavam torpemente em calumnias contra o reformador, a quem arguiam de querer desprestigiar a memoria dos seus antecessores, que tinham consentido em tudo quanto elle reprovava.

E, como o Arcebispo marcasse horas certas para audiencia, e não fallasse nas destinadas ao estudo, *«entraram logo os bracaraenses, e ainda alguns nobres, a dizer que usava da bebida de licores, e por esta razão se não apromptava para fallar a toda a hora, que o procuravam.»*

E todavia este accusado fazia todos os dias testemunha da sua sobriedade um pobre, que á meza de jantar assentava sempre á sua direita!

Em carta a um amigo, o Arcebispo desafogava n'estas queixas:

«Braga e sempre Braga pesadissima; eis aqui a minha partilha. Nem cuide que a sua dureza se amolgue com a successão dos dias; antes parece se agrava progressivamente. O certo é, meu amigo que as rodas d'esta machina sempre tem um jogo bem exquisito: ninguem o pensa: quanto a mim, já não sei, como me hei de haver: vou acudir a uma roda, senão quando desandam umas poucas, e tudo parece que se esbandalha. . . . Por mais que faça, nunca se contentam, sempre lhes féde e sempre grunhem. Cartas anonimas, cheias de declamações, de invectivas, de ameaças, isso é trivial. Pois uma casta de arbitristas costumados a governar o mundo em secco, quanto me amofinam. . . . Jesus! Para que eu estava reservado!»

Quando iniciou o concurso industrial e agricola, embryão das modernas exposições, facto, que Braga hoje commemora, escreveu o Arcebispo estas amargas linhas:

«Sahi agora com um edital, em que proponho 20 premios de 50 mil reis cada um, a fim de promover a industria da lavoura e artes. Logo na primeira noite o rasgaram todo, assim como tem feito aos mais que tenho posto, sempre tendentes ao bem publico. Aqui verá com que cas-

ta de gente estou mettido, mas pela misericordia de Deus nada me abala. . . .»

Os inimigos porém do Arcebispo não ficaram por aqui. Chegaram a falsificar-lhe a assignatura, a roubar-lhe o sello, e espalharam ate por todo o reino, para o desacreditar, um falso aviso regio, que principiava do seguinte modo: *S. Magestade, informado dos procedimentos e amontoados crimes, que V. Exc.^a tem perpetrado contra a disciplina da Egreja e ainda das mesmas leis, etc. etc.*

*
* * *

Em fim viveu torturado o grande prelado pela chusma dos ambiciosos, pela cáfila dos ignorantes e pela corja furiosa dos devassos.

Se n'aquelle tempo não havia ainda a sarna dos maus periodicos, resfolegava a malevolencia contra o Arcebispo em commentarios venenosos pelas arcadas e lojas de negocio e em pamphletos desaforados.

E, se ainda não estava montada a primôr a machina eleicoeira, havia já companhas de pescadores de ganancias, que na sua rede pretendiam apanhar os peixes gordos dos beneficios, para os saborear cosinhados com o mólho dos costumes escandalosos.

Entretanto, nem tudo foram espinhos para o Grande Arcebispo. Teve aqui tambem grandes consolações.

Nas treze visitas pastoraes, que realisou, frequentemente se viu rodeado amorosamente pelo povo christão, que o aclamava commovido até ás lagrimas.

Consolou muitas vezes o seu coração de pastor, sanando muito escândalo; distribuindo larguissimas esmolas, reduzindo fortes rebeldias e fundando monumentos de caridade, que ainda hoje duram e florescem.

Todavia foi somente depois da morte que um expansivo sentimento de justiça avassalou todos os corações bracaraenses, e o resplendor das eminentes virtudes do Arcebispo appareceu no horizonte da historia desanuviado inteiramente das sombras da inveja e da malquerença.

Hoje, passados cem annos, é cada vez maior o brilho d'aquelle astro de primeira grandêza, cada vez mais suave o perfume d'aquelle virtude heroica cultivada n'um humilde convento franciscano, e destinada pela Providencia a florescer e fructificar nas vastas regiões do Amazonas e n'estas paragens da archidiocese bracaraense.

Hoje, não são somente os filhos da Egreja, que tributam ao Grande Arcebispo as homenagens da sua admiração. Como na India, onde os proprios gentios trazem offerendas ao tumulo de prodigioso jesuita, S. Francisco Xavier, tambem aqui, deante do veneranda memoria de D. Frei Caetano se prostam reverentes os livre-pensadores, os hereticos, os apostatas e os materialistas, aquelles mesmos, que odeiam, tudo quanto elle amava: Deus, a Egreja e o proximo.

Tal é o prestigio, na India, como aqui, dos varões justos, das almas apostolicas e das grandes figuras da Egreja Catholica.

Para maior edificação e ensinamento de todos, recommendamos o livro biographico de D. Frei Caetano Brandão. Possa a meditação da vida do insigne varão apostolico despertar n'este povo os sentimentos christãos, que outr'ora o fizeram poderoso, respeitado e convicto da sua missão civilisadora.

Antonio Brandão Pereira

CORÓA de gloria de D. Frei Caetano Brandão: visitou por três vezes a sua vasta diocese; defendeu energicamente os seus direitos contra usurpações estranhas; condemnou as abomináveis máximas do philosophismo; reformou o clero regular e secular; flagelou a ambição e simonia nos provimentos ecclesiásticos; promoveu a lavoura, o commercio e as artes mechanicas; cuidou desvelladamente da educação publica, melhorando em muito a do clero; deu seguro amparo aos orphãos, aos velhos e aos desprotegidos de diferentes cathogorias; prérgou, admoestou, castigou com a caridade e doçura d'un bom christão, e simultaneamente com a inflexibilidade d'un bravo.

— «Tenho de dar conta dos males, que devia atalhar, e dos bens, que devia promover» — dizia elle.

E como não ignorava «que uma das causas (palavras suas), que mais tem influido para o desprezo, em que está o ministerio ecclesiastico e as cousas da religião, não deixa de ser talvez a demasiada prudencia dos prelados», a si proprio traçou esta regra de proceder:

«Deus nos livre de umas certas bondades, e indulgencias canonisadas pelo mundo, que nunca acham que contrariar; *suaviter et fortiter* é a maxima do governo da Divina Sabedoria, e deve ser a de um prelado».

A sua palavra simples mas fecunda, e a sua penna diligente não descangavam em promover o maior bem material e espiritual da diocese bracaraense.

Preparava-se para fazer 14.^a visita pastoral quando veio a morte cortar-lhe o passo.

— «Fiat, fiat! Senhor! Mais, ainda mais!» — dizia, já nas vascas da agonia.

E o humilde bispo, que tinha o santo costume de comer com um pobre á sua direita, recebeu na morte a homenagem devida aos grandes: — teve um funeral de rei.

Bem dita seja a sua memoria!

Braga — março de 1893.

Albano Coelho

D. FREI CAETANO BRANDÃO

I

PORQUE soube obter temperar aos conselhos do Evangelho, cumprindo rigorosamente os deveres do seu cargo, teve a immortalidade do *Infinito*.....

— *Sapiens in populo haereditabit honorem, et nomen illius erit vivens in aeternum.* —

Eccl. XXXVII, 29

II

Porque foi o legitimo representante d'uma civilização superior ao estado intellectual do seu tempo, mereceu a immortalidade da *Historia*.....

— *Non recedet memoria ejus, et nomen ejus requiretur a generatione in generationem.* —

Eccl. XXXIX, 13

III

Porque, á custa das luzes do seu espirito e dos exemplos do seu porte, prestou relevantes serviços ao paiz, derramando profusamente a Instrução e exercendo em subido grau a Caridade, logrou a immortalidade da Patria.....

— *Laudemus viros gloriosos, parentes nostros in generatione sua.* —

Eccl. XLIV.

P.^o Augusto Santos

A ACADEMIA DE BRAGA E FR. CAETANO BRANDÃO

○ seu procedimento perante a data que se fixou para a solennisação do centenario d'esse grandioso vulto da Egreja Bracaraense, não me assombrou.

Foi a prova mais cabal de que n'essa classe ainda existe a verdadeira noção do dever, de que n'esta geração se admiram e glorificam os que por qualquer forma cooperaram ou cooperam no bem estar das sociedades.

Esta Academia outrora celebre, porque foi a que n'esse faustoso dia do 1.^o de Dezembro de 1640 se levantou em a nossa terra proclamando a independencia e sacudindo o jugo estrangeiro a que desde muito estavamos sujeitos, tem no modo de proceder de esses bons rapazes de hoje, uma affirmação categorica de que lhes souberam seguir tão distincto exemplo, de que não desmentiram as suas honrosissimas tradições.

Saúdo os meus camaradas de hontem, e agora que se aproxima a occasião em que tenho de abandonar as fileiras d'essa distincta classe, tenho orgulho de dizer que vos pertenci já, que sou vosso e que sempre vos seguirei attentiosamente, porque, almas generosas e sinceras, só de vós se pode esperar uma leal cooperação na regeneração social, de que tanto carecemos.

Um bravo á Academia de Braga.

Porto 21 — 3 — 93

A. Geraldo da Cunha

Prelado e Cidadão

NA collectividade humana, que povoa este globo, solto na immensidade do espaço, destacam-se como no firmamento se destacam as estrellas de primeira grandeza, vultos culminantes que espargem por todas as manifestações do pensamento — nas sciencias, nas artes, nas industrias — as fulgurancias do seu altissimo talento, eternisado na Historia em alastramentos de luz.

Para esses vultes gigantes, que, no firmamento da humanidade, formam constellações diamantinas, não ha poder que os aniquile, sombra que os escureça: a morte é impotente para os lançar ao esquecimento, porque os genios consagrados, os luzeiros pstentes da ideia, revivem

eternamente, na Historia, tornando-se como diz Staël, contemporaneos do futuro.

E' que os feitos que dignificam, as virtudes, que enobrecem, os conhecimentos que exalçam, resplendem a través do tempo, vencem o esquecimento, dão ao homem a immortalidade.

Na successão dos tempos, no volver dos annos, destacam-se para todos os povos datas que relembram feitos gloriosos, que evocam nomes laureados, que fazem resurgir o passado no presente.

E para o povo bracarense se passa agora uma data que desenerusta do seculo passado uma outra igual, bem significativa, porque representa o inicio entre nós d'uma das mais poderosas manifestações do progresso—as exposições.

A data de 25 de Março de 1793, que, volvido um seculo, Braga rememora, n'uma commemoração centenaria,—bem insignificante, confessemol-o—envolve em luz d'uma inapagavel gloria um varão preclarissimo, dignificado pelas mais acrysoladas virtudes religiosas e pelas mais patrioticas virtudes civicas. E o nome venerando d'esse apostolo da religião e do progresso perpassa hoje, em todos os labios—aqui, n'este antigo baluarte da christandade: é D. Frei Caetano Brandão.

Commemorar esta data, que consubstancia uma manifestação do seu patriotismo, é prestar devida homenagem ao venerando e virtuoso prelado que synthetisava o seu ideal sublime, n'estas duas significativas palavras—Religião! Patria!

Azevedo Coutinho

D. FREI CAETANO BRANDÃO

NÃO é nos acanhados limites de um artigo que se podem commemorar as altissimas virtudes e o prodigioso talento de um tão inelyto varão, por sem duvida alguma, o vulto mais notavel que tem tido o clero portuguez.

Depois de tantos notabilissimos escriptores lhe terem tecido os mais justificados e merecidos panegyricos, com a auctoridade e competencia que a illustração sabe impôr, não seria eu, por certo, que nada valho, que ousasse fallar de tão insigne prelado, se não fosse o dever que tenho, como portuguez e catholico, de prestar a minha humilde, mas sincera homenagem, á memoria do grande reformador e evangelizador.

D. Frei Caetano Brandão, sobre ser um homen eminente, foi sinceramente piedoso e genuinamente portuguez.

Ninguem como elle comprehendeu melhor a alliança da Igreja e do Progresso. A sua elevada concepção, verdadeiramente assombrosa, se compararmos a epocha em que viveu com o alcance grandioso das suas edeias, fez com que elle iniciasse e pozesse em pratica instituições de uma fecundidade tão util como salutar.

Só mais tarde, depois de passados bastantes annos, é que as nações mais cultas da Europa lhe seguiram o exemplo.

D. Frei Caetano Brandão comprehendia como poucos a sua missão essencialmente civilisadora.

Nas dioceses que lhe foram confiadas, Pará e Braga, cumpriu essa missão tanto mais difficil, quanto estava decadente a Igreja em pleno seculo XVIII.

Se nas florestas da America elle convertia indios ao catholicismo e lhes esclarecia o espirito, dissipando-lhes as trevas da ignorancia, no Minho convertia os seus habitantes á religião do trabalho e fundava escolas, exposições agricolas e industriaes com premios aos expositores que mais se distinguissem.

Fundava asylos, como foi o dos orphãos de S. Caetano, onde diffundia a instrucção aos pequeninos, observando-lhes com minucioso cuidado as differentes vocações e aptidões, que elle desenvolvia e guiava com um amor verdaderamente paternal.

O vulto gigante de D. Frei Caetano Brandão fez do Evangelho um poderoso agente da civilisação.

Commemorando a epocha do primeiro certamen agricola e industrial que inaugurou n'esta cidade em 1793, Braga honra a memoria do insigne prelado, illustre entre os illustres, que, ao mesmo tempo que é uma gloria do clero lusitano, é uma gloria nacional.

Braga 21 de Março de 1893.

C. da Cunha Pimentel

CARTA

PEDIO-ME V. alguma cousa para o numero unico consagrado á memoria do grande Arcebispo D. Fr. Caetano Brandão.

Quando se trata d'um homem, como este, a voz emmudece e a gente fica-se apenas n'uma attitude respeitosa perante as extraordinarias virtudes da sua alma d'eleito.

Tem-se discutido muito qual foi a epocha em que elle realison a exposição, ou como melhor nome tenha, cujo centenario agora se pretende solemnizar.

Dizem uns que foi em 1792, dizem outros que foi em 1793.

Ora a mim parece-me que não pode haver duas opiniões a tal respeito.

Em 1792 affixou o virtuoso Prelado um edital, em que declarava, que, desejando fomentar a industria popular, tanto pelo que respeita á agricultura, como pelo que respeita ao commercio e ao adiantamento das artes mechanicas, tinha resolvido premiar 4 lavradores, que se animassem á cultura das oliveiras e linho, bem como a 16 aprendizes de artes mechanicas que fizessem os maiores progressos nas suas respectivas occupações, e que no dia 25 de Março de 1793 se entregariam os referidos premios áquelles ou áquellas que em competencia mostrassem o seu maior merecimento.

E' claro, depois disto, que essa exposição ou concurso se realison de 1792 até 1793 e se bem que nós não tenhamos dado algum para saber se effectivamente os premios seriam distribuidos no dia 25 de Março, a mim parece-me em todo o caso que tambem o não temos para duvidar da palavra do venerando Arcebispo que expressamente designou este dia, como o destinado para a distribuição dos mesmos premios.

Carlos Braga

O DIA 25 DE MARÇO

UMA data memoravel é uma ideia que se condensa e resume em um numero cheio de luz que illumina o espirito humano.

É por isto que a data de 25 de Março tem sempre uma recordação sympathica e gloriosa para todo o portuguez, que sente pulsar-lhe no coração a sagrada fibra do patriotismo.

Nós, homens de Portugal, demonstramos hoje que as gerações não olvidam, por honra da consciencia social, nem as suas datas memoraveis nem os seus homens illustres.

D. Fr. Caetano Brandão foi para este paiz um fomentador dedicado e efficaz da agricultura, a qual dotou com muitos melhoramentos; do commercio e das artes mechanicas, que beneficiou consideravelmente. Foi para Braga o sabio instituidor do importante asylo, que existe, dos orfãos e expostos, o reformador dos extinctos conóvios das religiosas d'esta archidiocese, o vivificador das obras de S. Martinho de Dume, o iniciador dos cêriamens da civilisação e da industria, seguidos e aperfeicoados n'este seculo por todas as nações. Emfim foi um benemerito do paiz e nomeadamente de Braga.

É, pois, preclaro o anniversario, que n'este momento celebramos, da primeira exposiçao que houve, no mundo, e que foi portugueza.

Um seculo tem decorrido apoz, de progressos e luz.

Se o dia de hontem foi a aurora de hoje, estamos na aurora d'amanhã.

Saudemos, pois, o futuro, glorificando o passado.

O futuro tem mais d'um nome: para os espiritos fortes e positivos chama-se—*possivel*; para os pensadores—*ideal*. Homens de presente, organos a frente para que nos illumine esse claro prodigioso.

E prosigamos!

Braga 24 de Março de 1893.

B. J. Senna Freitas

D. FREI CAETANO BRANDÃO

NÃO peço que se lhe erijam monumentos de pedra ou de metal nem que lancem letras sobre a tampa do seu tumulo. O seu nome e a sua memoria hão de viver eternamente nas suas obras, que nos deviam ser, no meio da profunda decadencia moral em que dia a dia resvalamos, incentivo e exemplo.

D. Frei Caetano Brandão foi, pela alma, pelo saber, pelo caracter, um colosso.

E os colossos não podem ter epitaphios, nem carecem de monumentos.

Braga.

Bernardino Passas

D. FREI CAETANO BRANDÃO

É perfeitamente devida e soberanamente justa a homenagem que o povo de Braga prepara ao preclaro arcebispo D. Frei Caetano Brandão, complexo das mais excepcionaes virtudes e triplicemente illustre pela sua caridade, sciencia e amor da patria.

O que vac fazer-se sobre ser o pagamento d'uma divida sagrada, é conjuntamente uma satisfacção a uma verdadeira necessidade publica.

Deve fazer-nos bem a lembrança do veneravel prelado, n'esta epocha de descrença e de depressão moral, em que raream os caracteres perfectos e parecem quasi apagadas as masculas virtudes antigas.

Da vida do grande benemerito, quasi nada sei, a não ser que foi o fundador d'uma instituicção nobilissima, que ali se levanta como padrão immarcessivel da sua piadade, abnegação e grandeza d'alma; e tanto basta para que eu applauda com sincero jubilo a consagração feita ao nome glorioso do virtuosissimo arcebispo.

Recolher crianças de amparadas, supprindo o santo amor das mães extincto pela morte; tractar e educar essas *graciosas flôres da eterna primavera humana*, encaminhando-as e fortificando-as para os asperos combates da vida; roubar ao frio, á fome e á miseria, criaturinhas desvalidas; diminuir a estatistica do crime e escrever no livro immenso do Bem um capitulo tão formoso e tão sublime... que tocante, que alevantado exemplo! As consequencias d'esta obra tão grandiosa e tão proficua, moral e socialmente, são tão palpaveis, tão evidentes, que só as posso comparar a *um rosario de perolas* ou a *um collar de brilhantes, expostos á maior luz do sol*.

Braga 24—3—93

Francisco Faria

O TESTAMENTO DE D. FR. CAETANO BRANDÃO

SE não houvesse outros documentos que evidenciam a elevação de caracter, os sentimentos de bondade, o desapego das cousas da vida do virtuoso arcebispo, bastava só este para retratar a sua phisionomia moral.

Que me conste, nunca este documento foi publicado; não o podendo ser aqui na sua integra, por falta de espaço, vou apenas transcrever alguns trechos. Principia assim:

«Não é da minha intenção fazer testamento, porque nem tenho de que, nem ainda a vontade desembaraçada para isso. Entrei pobre n'esta igreja, que depositei em minhas mãos o seu rendimento, para ser distribuido conforme o espirito dos sagrados canones. Não sei se assim o fiz; o que porém sei é que do ponto da minha morte cessa todo o exercicio que tenho d'esta administração, sem me restar senão a esperanza bem fundada de que aquelles que por direito me ficam substituindo no governo d'esta igreja, compadecidos da minha pobre alma, não duvidarão socorrer-a com os suffragios convenientes.

Disse que nem a vontade tinha livro para testar, porque tendo feito voto de pobreza na profissão religiosa, já que talvez no decurso da vida o não observaria, como

era justo, quero ao menos agora dar-lhe uma plena e cabal satisfação, e para isso me desaproprio de tudo gotosissimamente, sem desejar mais do que uma pobre mortalha para envolver meu cadáver, a qual peço por amor de Deus.»

Depois de pedir perdão de seus peccados e renovar a sua profissão de fé, continua assim:

«Desejo que o meu funeral se faça com a possível simplicidade, e ao Reverendo Cabido peço que queira antes applicar em missas e esmolas qualquer despeza, que poderá consumir-se com decorações excessivas, das quaes ordinariamente nem aos vivos, nem aos mortos resulta alguma vantagem solta.»

Prosegue manifestando os seus desejos com relação aos suffragios, e lembrando-se do seu collegio dos orphãos, diz:

«Toda a roupa das camas, do uso d'esta casa arcebispal, quizera se applicasse para o seminario dos orphãos, porém n'isto, assim como em tudo o mais, me cinjo ao beneplacito do Reverendo Cabido, que obrará segundo lhe parecer conveniente.»

A minha triste familia, que sempre me mereceu singular conceito pela sua piedade para com Deus, e não menos amor, fidelidade e reverencia para comigo, confesso que a levo atarracada no coração. Alguns ficam pobres por não ter occasião de lhes fazer bem. Rogo ao Reverendo Cabido queira recommendal-os a S. Magestade e ao meu successor, para que hajam de ser attendidos com alguma esmola, ou outro qualquer modo de subsistencia.»

Refere-se depois ao seu mordomo o conego Manoel de Barros em termos muito lisongeiros, e termina assim:

«Concluo pedindo perdão a todos e a cada um dos meus subditos pelos escandalos que talvez lhes terei dado com a minha vida, muito differente da que convinha á sublimidade do character episcopal; pelos damnos que causaria, posto que involuntariamente, na administração da justiça e das mesmas rendas ecclesiasticas; e pelos desgostos e mortificações que poderia occasionar com este meu genio demasiadamente sensível e fogoso, que, confesso, foi sempre o motivo mais ordinario dos meus arrependimentos e da minha propria confusão. Se alguma pessoa me tem offendido, seja do modo que fôr, póde estar segura que sempre tive especial cuidado de perdoar aos meus inimigos e de orar por elles como recommenda o evangelho, mas agora, novamente, eu lhes perdoo, e desejo abraçal-os dentro do meu coração, para que o Senhor tambem me perdoe, e se digne receber-me no reino da Gloria. Braga 26 de julho de 1795. Fr. Caetano, Arcebispo Primaz, o mais indigno de todos os prelados d'esta Santa Igreja.»

Passaram-se ainda muitos annos de vida do santo arcebispo, mas foi esta a ultima disposição da sua vontade.

Jeronyma Pimentel

Arvore fecunda

ENTRE os dous arcebispos: D. Frei Bartholomeu dos Martyres e D. Frei Caetano Brandão, ambos lendarios, e realmente dignos de o serem, preferimos o segundo, pela sua comprehensão mais humana, mais logica e mais scientifica dos principios em que se funda a philosophia da re-

ligião catholica. Para Bartholomeu, como para S. Francisco de Assis, e para os innumeros ascetas do christianismo, o mundo é um logar de provação, o fim unico do homem a salvação da sua alma. Para Frei Caetano, para S. Francisco de Paula, e para muitos outros, já assim não é; segundo as suas ideas, as antigas cavernas e thebaidas devem ser substituidas por escolas, officinas e hospitaes; a pedra e as disciplinas com que os Basilios, Pacomios e Hilarios despedaçavam e flagellavam os corpos nús, myrrados pela abstinencia, devem ser substituidas pela pedra que edifica, e pelos instrumentos que fecundam. Para elles, o fim do homem é o seu aperfeiçoamento progressivo pelo trabalho, e pela submissão aos principios e leis moraes que o devem guiar n'esta vida transitoria, preparando-o, sem opposição ás leis da natureza, para a sua evolução relegiosa no seio de Deus.

Facil nos seria domonstrar que são estes os verdadeiros fins, não só do catholicismo, mas tambem de toda a philosophia espirital; — pedem-nos, porém, apenas duas linhas, e por isso, em prova das razões da nossa preferencia, unicamente diremos que ao intransigente D. Fr. Bartholomeu nada se deve, que visível seja, em quanto que a D. Frei Caetano Brandão deve a península, e talvez o mundo civilizado, a creação da sua primeira escola industrial, o instituto dos orphãos, e a iniciativa das exposições agricolas.

22 — 3 — 93

J. Penha

A D. Frei Caetano Brandão

PARA fazer o elogio a um homem, que como D. Frei Caetano Brandão foi grande, é tão somente bastante lembrar alguns dos seus muitos feitos. Tudo quanto se pretenda dizer d'este illustre e preclarissimo prelado, é pouco, pois que são tantas e tão grandes as suas virtudes christãs e civicas, que seria difficil, senão impossivel, enumeral-as.

O melhor monumento que se lhe poderia erigir, erigiu-o elle proprio, fundando o Collegio dos Orphãos de S. Caetano, onde milhares de creancinhas tem achado abrigo, recebido pão e instrucção; erigiu-o elle, creando a Conservatoria das Orphãs do Menino Deus, onde tantas almas pequeninas e desamparadas, a quem o infurtunio roubára as ternas e inegalaveis caricias d'uma mãe, e os sabios e amantissimos conselhos d'um pae, tem encontrado agasalho, desviando-as assim da desgraça que a miseria traz e que o desamparo quasi sempre lega.

O seu monumento, é o seu nome; a sua gloria são as suas virtudes.

Homens assim não morrem; é insufficiente a pedra tumular para esquecer o seu nome, que ficou indelevelmente gravado na grandeza dos seus feitos.

Braga — março — 93

J. Baptista Ribeiro

D. Fr. Caetano Brandão e o seu tempo

DURANTE quasi meio seculo Braga vira sentar-se no solio dos seus prelados dous principes da casa de Bragança.

Durante este periodo, relativamente largo, o seu paço archiepiscopal ostentava a grandeza d'uma corte onde brilhava o esplendor do luxo, se estadiavam pompas, e se obdecia á etiqueta e ás pragmaticas cortezãs.

Quando passavam pelas estreitas ruas da cidade Augusta os principes-prelados, impunham-se ao respeito do povo que os saudava pela grandeza da sua posição, pelo lustro do seu berço, e pela ostentação faustosa das suas equipagens.

Este cyclo brilhante na historia ecclesiastica de Braga, que principiára em 1741 com a posse da mitra primaz que tomára o filho de D. Pedro 2.º — o arcebispo D. José de Bragança, fechara-o a morte sentida de D. Gaspar de Bragança, a 18 de janeiro de 1789.

Era mister prover de prelado a igreja metropolitana de Braga; não havia, porém, mais principes para ali collocar.

Os tempos iam sendo outros; a nobreza sentia pouco a pouco ir-lhe faltando o terreno, onde por seculos firmara o seu poderio; a sua força diluía-se na corrente das e-las que ameaçava invadir a Europa.

A grandeza do clero ia soffrendo por igual; as suas regalias e o seu prestigio de dia a dia se abatiam. Só a virtude e a sciencia se impunham á consideração dos povos.

Assim o pensou o governo de então, que descobriu no humilde frade, que a obediencia, e só ella, levava á cadeira episcopal do Pará, o homem destinado para succeder na primazia de Braga aos dous principes da casa de Bragança.

Era elle D. Fr. Caetano Brandão «o frade humilde que empunhou o baculo primaz por obediencia; a caridade feita homem, e como caridade, quasi descalço e mal coberto, convertendo os immensos haveres da sua mitra no bem dos desvalidos, aureolada a fronte com o esplendor das boas obras. Lá vem, depois de ter feito do selvatico Pará um reino de christãos, seguir em Braga o exemplo que dera a si mesmo.» (a)

Este prelado constitue á transição entre o velho mundo a desabar, e o novo mundo que devia fundar-se na liberdade, na virtude e na sciencia.

Se elle não fôra o que era por indole, e por naturaes impulsos da sua individualidade, devia-o ser por indicação do bom senso.

Não podendo, pelas tradições do seu berço e pelo esplendor do fausto, manter o prestigio da sua posição, um pouco periclitante, nos tempos que vinham chegando, era necessario que a humildade do seu nascimento se impozesse ás tendencias democraticas que iam apparecendo, pela modestia do seu viver, pelos rasgos da sua caridade, e pelo exemplo das suas virtudes.

D. Fr. Caetano Brandão comprehendeu o seu tempo. Foi um santo varão, e um homem do progresso.

Jeronymo Fimentel.

D. FREI CAETANO BRANDÃO
E O COLLEGIO DOS ORPHÃOS DE S. CAETANO

QUANDO a Roma Portugueza celebra com o mais fervido enthusiasmo o 1.º centenario da exposição agricola e industrial, realisada no seu seio por iniciativa do venerando arcebispo D. Frei Caetano Brandão, não julgo fóra do proposito rememorar algumas d'essas acções, que mais sublinaram o nome d'esse insigne Prelado.

E uma d'ellas é, sem duvida alguma, a que o sabio Antistite praticou em 1790 com a fundação do Collegio dos Orphãos de S. Caetano, pois, segundo a expressão d'um escriptor que se occupou d'este Collegio, é elle «um dos mais notaveis monumentos levantados pela caridade christã para bem da humanidade que soffre».

A veracidade d'esta asserção attestam-n'a eloquentemente a sublimidade dos motivos que o levaram a essa fundação, o fim sympathico que elle traçou, e os copiosos e sazonados fructos, que d'ella advieram.

Os motivos, declara-os o benemerito prelado no regulamento que coordenou para a sua querida instituição, com as seguintes palavras: «O desejo de contribuir para a felicidade publica pelo modo mais proprio, efficaç e genuino que possivel fosse, eis aqui, a que esta casa dos meninos orphãos da cidade Braga deve a origem da sua fundação.»

O fim acha-se assim expresso no mesmo regulamento: «Que fundou o Collegio dos Orphãos só com o intuito de acudir aos meninos orphãos, expostos, e outros de igual desamparo, apromptando-lhes n'esta casa pia um recurso, não menos proprio para fornecer á sua subsistencia, emquanto a elle e a industria lhes não permite adquiril-a por si mesmos, do que para contribuir a uma educação feliz, que elles certamente não podiam esperar na situação, em que se constitue a sua triste sorte.»

Quanto aos fructos, creio não ser escassa una instituição, que para milhares de creanças tem servido de segundo berço e segunda mãe; que a milhares de infelizes tem livrado da miseria e ensinado a ganhar com honra o pão quotidiano; e que ainda hoje, com carinhos verdadeiramente maternos, amamenta, embala e educa a mais de cem orphãos desprotegidos da fortuna.

Eis um imperfeito resumo d'uma das mais brilhantes paginas da laboriosa vida do grande D. Frei Caetano; eis um pallido esboço d'um dos mais admiraveis quadros do seu benefico episcopado. Pagina bem digna da elegante penna de Frei Luiz de Souza; quadro bem merecedor das primeiras pinceladas de Raphael.

E' assim que a caridade, alando-se para as altas regiões para-lisiacas, sobrepuja a philantropia, que não faz mais que rastejar pela sordida poeira da terra!

Braga e Collegio dos Orphãos de S. Caetano

O ALUMNO

José Maria Coelho

A MITRA BRACARENSE

ES memoravel na historia, surprehendente na efficaç e alavanca possante do verdadeiro progresso.

(a) D. Amcino da Costa. Hist. de Instr. pag. 183.

A sombra profusa que projectas tem erigido e conservado as mais bellas instituições, promovido a sciencia e supplantado erros, fomentado artes e industrias e enaltecido a religião e a patria.

A Roma portugueza attesta os teus beneficios, as classes reconhecem-nos, e nós hoje, retrocedendo em espirito um século, contemplamos-te grandiosa, cingindo a fronte veneravel do nunca olvidado D. Fr. Caetano Brandão, illustre athleta da civilisação e do bem, phanal coruscantissimo da verdade que, dardando a luz vivificante dos salutarei principios, descerrou caligens, incendiando crencas, vaso inexgotavel de caridade que, destillando balsamos leniuvantes nos corações alanceados pela dor, sanou herpes fandicos, mitigando acrimonias pungentes, e heroe da abnegação e do sacrificio que, supportando intemperies e debellando obices, transformou as asprezas dos sargaes em amenos vergeis de fragantes virtudes.

Foste, pois, oh admiravel principe da Igreja, um d'aquelles varões apostolicos que mais se destacam na pleiade do episcopado luzitano pelos relevantes serviços prestados á sociedade, e sois n'este dia umra potente atrahindo todas as atenções d'um povo, que incendiado pela chamma da mais sincera gratidão, commemora um dos rasgos culminantes da tua vida, e ao mesmo tempo orvalha de condolentes lagrimas tuas frias mas ainda eloquentes cinzas.

Seminario dos Apostolos.

Luiz Almeida

UM BISPO QUE TAMBEM ERA HOMEM

A Igreja Catholica, na pleiade gloriosa dos seus heroes, apresenta-nos alguns Bispos, deante dos quaes se curvam reverentes os mais acerrimos livres-pensadores

Nas paginas variadissimas do Agiologio Catholico deparamos com Bispos, que, com a auctoridade da sua palavra e a energia da sua acção, conseguiram livrar os seus diocesanos das furias dos exereitos barbaros.

Encontramos outros, que vestiram a saia de malhas e brandiram o montante nas guerras sangrentas da idade media christã contra os sarracenos infieis.

Descobrimos, outros que no mais acceso das epidemias, percorriam as ruas das cidades, sem cortejo nem fausto, entravam nas casas dos pobres, consolavam e tratavam os enfermos, repartiam esmolas a mão larga, e não punham a minima duvida em vender os vasos sagrados do templo, para socorrer os miseraveis.

Vemos, finalmente, outros, que com fino pratico e com espirito cultivado e humano, promoveram, por meio das suas exhortações, da sua influencia e do seu dinheiro, o desenvolvimento das bellas artes, da industria e da agricultura.

E' d'estes Bispos que eu digo que tambem são homens; porque, ao pôr a mitra na cabeça, não se esqueceram que tinham coração, que tinham patria e que eram cidadãos.

O Bispo não deve ser simplesmente o chefe espiritual do clero e do povo; pôde e deve ser o melhor e mais util cidadão, e o mais practicamente prestimoso á sua patria e aos diocesanos, ensinando-lhe, com a obra e com as palavras,

que se, segundo a religião Catholica tem uma alma a salvar, segundo a religião natural tem um dever a cumprir, que é aperfeiçoar-se intellectual, e physicamente, com o auxilio das sciencias e das artes.

Frei Caetano Brandão foi um d'estes Bispos; e, por muitos motivos, digno dos mais admirativos elogios.

Nos fins do seculo passado, fr. Caetano Brandão, seguindo o exemplo, até então unico entre nós, do que fizera o enorme Marquez de Pombal juncto a Lisboa, levou a cabo, em Braga, numa terra de provincia longamente afastada da capital, uma empresa que a todos parecia aspera e impracticavel — uma exposição industrial e agricola.

Faz agora com annos que um Bispo de Braga, um frade, frei Caetano Brandão, conseguiu triumphantemente o que n'este momento, — cem annos depois — muitos julgam impossivel de levar ávante!

São estes os verdadeiros centenarios modernos.

E' a data d'este facto que, a 25 de Março de 1893, se pretende celebrar em Braga com uma modesta manifestação popular e de estudantes — almas novas, ainda não contaminadas por uma sociedade de parasitas sem brios, nem coragem.

Como mudaram os tempos! Como os grandes homens nos fazem falta!

Oxalá a geração nova aprenda d'uma geração, que já passou ha muito, o modo de se tornar superior a uma geração que está passando.

M. Borges Graínka

IV A longa serie de Prelados illustres que abrihantaram a Igreja Bracharense, destingue-se, radiante de gloria, o immortal e virtuoso Prelado D. Fr. Caetano Brandão.

Este nome venerando é credor do maior respeito e da maior veneração pelos serviços que prestou á cidade de Braga, creando institutos de beneficencia, desenvolvendo as artes, as sciencias e as industrias e promovendo exposições, para assim difundir no homem o amor ao trabalho e arrancar-o do vicio.

Recordar esses feitos e acções é o pensamento d'este numero unico, que tem por fim commemorar o centenario d'um acontecimento glorioso e assignalado na historia do povo Bracharense.

No dia 25 de Março de 1893 transcorre um seculo depois que D. Fr. Caetano Brandão distribuiu os premios na primeira exposição agricola por Elle promovida n'esta cidade.

Celebrar, pois, este centenario, é levantar merecimento á memoria d'um varão insigne e prestimoso, que foi verdadeiramente piedoso e verdadeiramente portuguez.

A geração presente deve-lhe pagar este tributo de veneração e reconhecimento; e os que lhe succederem, devem guardar cuidadosamente a sua memoria e conservar sempre viva a lembrança de seus respeitos e virtudes.

Braga 20-3-93.

Concega Mansel d'Oliveira Barbosa

Frade e Arcebispo

Completa-se agora um seculo depois que um homem de espirito esclarecido e coração bondoso andou atarefado em semear o bem para outros colherem os fructos.

A sua memoria ficou vinculada a esta archidiocese e nomeadamente á cidade de Braga.

Por cima d'uma sepultura que se fechou, ha perto de cem annos, tem peregrinado o tempo, assistindo á decomposição do corpo d'um arcebispo de cuja alma sahiram formosas scintillações de luz, como as das estrellas que recamam o ceo nas bellas noites do estio.

D. Fr. Caetano Brandão morreu; porem as obras devidas ao seu genio emprehendedor restituem-no vivo á consciencia dos homens. Se ellas não bastaram para preservar incorrupto o corpo do morto, salvando-o da acção ruinosa do tempo, são mais que sufficientes para, fóra da sepultura, traçarem a sua figura veneranda e majestosa, originando as sympathias e venerações como as que lhe consagraram os seus contemporaneos, testemunhas das excelsas virtudes que n'elle brilharam.

Ao tempo foi vedado apagal-o da memoria dos homens, porque esse varão illustre possuiu a louvavel prerogativa de ser um vulto excepcional, um prelado modelo, uma alma excellente, composta das harmonias da caridade e um coração de vibrações delicadas, quando se sentia em contacto com as desgraças e miserias alheias.

São as qualidades não vulgares do venerando arcebispo que, um seculo depois da exposição industrial por elle emprehendida, estimulam esta cidade a ver passar hoje no cortejo da historia, quem se denominou D. Fr. Caetano Brandão.

Se indifferentes, sem o minimo signal de reconhecimento e gratidão, deixassemos ir este dia junctar-se aos que o precederam, sobejariam aos extranhos motivos para nos lançarem em rosto que esquecemos bem de pressa as glorias de Braga e os seus benemeritos.

Ainda é cedo e muito cedo para se perder de vista aquelle homem incançavel na cultivação do bem; ainda é cedo e muito cedo para mandarmos embora o operario consciencioso que nos serviu, sem que porisso nos pedisse estipendio algum; ainda o sol está longe do seu occaso e ainda nos montes d'além não começaram os preludios das primeiras sombras do esquecimento.

Evocar d'entre os mortos a Fr. Caetano Brandão, n'este dia, é simultaneamente um preito de justiça e um culto rendido á virtude.

Visto á luz da historia, que não tolera os eclipses das paixões, o promotor da exposição industrial de há um seculo, não pôde nem deve separar-se do frade e do arcebispo.

A essa luz, assás brilhante para nos figurar o homem com todas as suas feições, apparece-nos elle envolto no habito do monge e revestido das vestes episcopaes; e nem a humildade do frade nem a elevação do episcopado tolheram a sua actividade ou esterilizaram os seus emprehendimentos.

O auctor sumiu-se quando foi obrigado a deixar a milicia dos vivos; mas as suas obras para ahí ficaram a testemunhar o quilate da sua alma e a resistencia diamantina da sua vontade.

Sirvam os exemplos do magnanimo extinto a excitar sentimentos generosos no animo dos vivos, e principalmem-

te na época actual em que o nosso paiz tem perdido muito d'aquella nobreza e elevação que o fizeram admirado das outras nações.

Braga 21 de Março de 1893.

Martins Peixoto.

HOMENAGEM

NA verdade, é extremamente consoladora, para todos os que se prezam de amar sinceramente a sua patria, a glorificação entusiastica e espontanea dos grandes homens que lhe deram brilho e lhe vincularam a consagração popular de memorias gloriosas.

O anonymato das multidões, o povo, que é o verdadeiro e grandioso arbitro de todas as opiniões em todas as epochas, é que assignala o mais solemnemente possível a sympathica memoria dos seus heroes queridos n'um preito espontaneo e palpitante de homenagem civica, n'uma apothose vibrante de enthusiasmos e acendrado valor. O contrario seria indistentivamente uma flagrante ingratidão, o que é uma coisa muito feia, e, em certo modo, uma falta imperdoavel.

Por isso, promovendo esta commemoração a um varão illustre, fazemos que Braga não postergue um dos deveres que mais imprescriptivelmente lhe incumbem, qual é o de honrar a memoria de D. Frei Caetano Brandão.

Braga, Março de 1893.

M. Gonçalves Cerqueira

NO CLAUSTRO

DUAS classes de gente dizem mal do claustro: os ignorantes pretenciosos e os sectarios odientos, com a sub-classe dos desfradados, por cuidarem assim apagar a vergonha da propria defeccão.

Do velho bibliothecario de Braga, dr. Rodrigues d'Abreu, letrado e pondunoroso como os que mais, por vezes ouvi eu n'aquelle tom d'inimitavel ironia com que fastigava os desacertos publicos: «Os frades?! uns ignorantes e mandriões» e apontava desvanecido os dois elegantes corpos d'estantes da sua bibliotheca, repletos como favos de mel da colmeia monastica.

Pois era liberal Rodrigues d'Abreu, e andara expatriado por amor da causa.

D'entre tantos varões illustres que subiram a cadeia primacial das Hespanhas, no claustro se formaram dois, primeiros entre os primeiros.

Nada como a Fé christão, viva e operosa de si, quando cultivada a primor pela gente monacal nas almas de fina tempera e ampla envergadura. Coisa exquisita! que os proprios dotes do coração, de somenos quilate, e as prendas mais da vida intima, as arroiga e apura e perfuma esta celeste essencia!

O nosso D. Fr. Caetano, caracter inteiro, duro mesmo quando pugnava pela justiça e vingava os interesses espirituales da sua igreja perante as estancias superiores, tinha entranhas de mãe tractando dos seus orphãos ou dos familiares, pobres como elle.

Em testamento, não tendo que lhes deixar, encomenda-os aos snrs. do cabido e declara «leval-os atrancados no coração»

Quando na visita pastoral ás egrejas d'entre Homem e Cavado abordou lá pelas raizes do Gerez, conta-se que passando de Carvalheira para Brufe, mesquinho curato de 10 ou 12 fogos no tópo d'empinada ladeira da serra Amarella, depois não sei se das horas menores se d'algum tempo de recolhimento mental dissera de golpe para um sacerdote que o acompanhava: «Padre Manoel Martins! (era filho de meu 4.º avô paterno este clerigo) diga aos nossos padres cá da terra que não s'entende com elles a minha ultima provisão quanto a talares e calçado de sola. Por estes caminhos, coitados! é impossivel.»

De modo que não o preocupavam as proprias fadigas por tão arrepiadas e inhospitas paragens, senão as dos seus cooperadores. Nem o distrahia dos deveres de humanidade a natural comparação em que levaria o espirito, das scenas deslumbrantes do Amasonas tão largamente percorrido á caça das tribus selvagens vogando no seu pangaio, com o rude caminhar a pé ou sobre rouceira azmula em demanda de probissimos casebres da montanha. Coração magnanissimo, alma d'apostolo!

Por mezes e annos até, se bem estou informado, agazalhou em Braga alguns sacerdotes francezes fujidos á liberdade revolucionaria, que lhes impunha o juramento da chamada *constituição civil do clero*. A' meza do Arcebispo não haveria mais que «vacea e riso», tradicional no paço de Braga desde outro frade, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. E mais para quê?

Ha 10 ou 11 annos nova leva de padres francezes, expulsos, por coincidencia picante, no momento de serea, repatriados os communistas de Paris, forçados da Numém constou por ahi que vinham a Portugal, e logo a fina flor da nossa imprensa liberal apressou-se a hosdedal-os tambem, a seu modo. — Se eram jesuitas!

...Pois em que lei vivemos nós?

Não anda a gente emancipada d'influencias claustraes ha tanto tempo?

— Anda, anda! E muitos aproveitados, na boa verdade.

Tambem esta mistura pantagruelica d'orgulho se baixozas, diluidos a frio n'uma soluçãõ grossa d'egoismo, tinha ha pouco a sua formula scientifica e chamava-se *corrupção*; basta-lhe agora um symbolo, é *panamá*.

Vianna.

P. Martins Capella

DESDE o seculo XVI, ainda se não assentou na cadeira primacial das Hespanhas Arcebispo mais rico de virtudes christãs e de mais excellentes commettimentos, do que D. Fr. Bartholomeu dos Martyres e D. Fr. Caetano Brandão.

Desde essa epocha tambem, ainda não governou a antiga archidiocese bracarense outro Primaz, que arrostasse contrariedades mais injustas e mais acerbas.

Onde a explicação d'este contraste?

—No principio bem sabido de que, entre os homens, a virtude não é escudo, que defenda de todos os perigos, quando o reformador, que a possui, trava seus combates com os vicios do seu tempo.

Manuel d'Albuquerque

D. Fr. Caetano Brandão

.....conhecido

.....nome engrandecido.

CAMÕES — C. I. E. X — LUSIADAS

I. — Entrou aqui em Braga em 17 d'Outubro de 1790, enchendo de jubilos cordiaes os habitantes d'esta capital do Minho; e deixou-a com a morte em 15 de Dezembro de 1805, ficando sem ELLE esta *Roma Portugueza*, em phrases de CAMÕES nos LUSIADAS — C. III. E. CXXXVIII:

.....ardente

... em lagrimas..... eternamente.

II. — Mas não era para menos a vida exemplarissima d'um PRELADO, de quem a penna inexoravel da HISTORIA lh'a summariara após a morte n'uma conceituosa INSCRIPÇÃO, que nos conservara o Chantre da Sé Primaz *Manoel Ramos de Sá*:

Solitudine Pastor, charitate Pater;
In oratione assiduus, in labore indefessus;
In cultu modestus, in vita simplex;
Sibi parcus, in caeteros sancte prodigus:

In utroque facilis, in castimonia severus.

Si Pietas, si Religio, si Regula Veri
Non perit, aeternum vives, Venerande Sacerdos:
Hos cineres, haec ossa sibi Deus, intimus hospes
Consecrat, et Christi servat jungenda triumphata.

III. — E se em dizeres dos LUSIADAS de CAMÕES — C. III. E. CXXI — era para D. FR. CAETANO BRANDÃO ao entrar n'esta *Cintra do Norte*:

.....quanto via,

.....tudo memorias d'alegria:

— assim tambem n'este ANNIVERSARIO d'hoje, «em solemnisacão jubilosa do seu nome venerando», n'este NUMERO UNICO verá ELLE dos Altos Ceos onde por fé o cremos, em dizeres de CAMÕES nos LUSIADAS egualmente — C. IX. E. XXXIX:

.....aquelle premio e doce gloria
do trabalho que faz clara a memoria

O DECANO DO LYCEU DE BRAGA:

Pereira Baldas

Celebra Braga hoje, 25 de março, com grande lustro, ainda que não tão esplendorosamente como era para desejar que o fizesse, e chegou a apregoar-se que o fazia, ainda não há muito, não o primeiro centenário da morte do seu inclito arcebispo D. Frei Caetano Brandão, pois que falleceu pelas 2 horas da tarde do dia 15 de dezembro de 1805, mas o primeiro centenário da exposição e concurso agrícola e industrial que por iniciativa do venerando antistite, n'esse dia, no anno de 1803, se realisou n'esta cidade pimaçal, por certo o mais levantado e memorando feito dos tantos tão alta e justamente conceituados de que elle foi o promotor e fautor, feitos que, cobrindo sua memoria de benções, tornaram seu nome o mais celebre, o mais benemerito, o mais memorando entre os de todos os prelados, por mais preclaros, da Igreja Bracarense e ainda, pôde-se sem affoutesas dizer, de toda a Igreja Lusitana.

E dizemos que esse feito é o mais notavel entre os tantissimos notaveis do seu pastorear de povos, pois que com elle alliou o santo e vidente arcebispo aos constantes e ininterruptos testemunhos que em toda a sua vida deu da mais admiravel abnegação e isenção por tudo o que fossem riquezas e fausto, da mais evangelica caridade, do mais entranhado amor pelo povo, da mais extremada dedicação pela instrucção publica e pela moralidade, testemunhos de que tão assignalados marcos miliarios e tão gloriosos prdrões deixou levantados no novo e no velho mundo, a presciencia do que seria a civilisação nos tempos futuros, e de que o mais poderoso elemento para sua diffusão e alastramento, atravez todo o corpo social, seriam as exposições e concursos das artes, officios e industrias, pela emulação e ensinamento que consigo ellas trazem, presciencia tanto mais admiravel quanto é certo que de mais de meio seculo precedeu essa exposiçao de 25 de março de 1793 a primeira effectuada no presente seculo na Europa, a que tantas e tão grandiosas posteriormente se tem succedido.

Justissimos, pois, são de todo o ponto devidos os applausos com que Braga commemora este gloriosissimo centenario, e consagra com sua admiração a memoria venerandissima de D. Frei Caetano Brandão, o immortal fundador, tambem, do seminario dos meninos orphãos.

Barcellos.

Rodrigo Vellozo



25 de março de 1893

A Historia, o espaço enorme onde gravitam
Astros radiantes d'immortal clarão,
Aponta um foco, e os nossos olhos fitam
A luz ideal que espalha na amplidão,
Facho, que esplende a flux na immensidade,
E' Caetano Brandão — a Caridade!

Vicente Kavaes



SCIENCIA E VIRTUDE

A apothese mais sublime de quem as possui está na admiração que as gerações lhe consagram e no estimulo de que a sua memoria serve á humanidade atravez dos seculos.

Por isso, commemorar o dia que faz lembrar D. Fr. Caetano Brandão, que é ao mesmo tempo um dos mais illustres e gloriosos prelados d'este archiepiscopado e um dos vultos mais proeminentes do progresso d'este paiz, é formal-o mais admirado e venerado, despertando tambem o desejo de imitar quem na sciencia, foi um sabio, na propaganda do bem, um apostolo e na practica da virtude, um sancto.

Braga 22 — 3 — 93

M. Augusto Granjo



Braga — Minerva Commercial
R. NOVA DE SOUZA, - 133